

Senado libera R\$ 2,2 milhões para o hospital, o que não evitará demissões nem o aumento da lista de pacientes com cirurgias canceladas. Diretoria diz que socorro do governo pode salvar o instituto

Verba nova não estanca crise

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor-DF) respira. No ápice da crise que pode levar ao seu fechamento, o cofre da instituição recebe hoje uma injeção de R\$ 2,26 milhões. O suficiente para retomar a compra de medicamentos, materiais cirúrgicos e a marcação de consultas e cirurgias, suspensas semana passada. O dinheiro, no entanto, não evita as demissões. A lista temida pelos mais de 500 funcionários sai sexta-feira. Até 150 podem perder o emprego, se não vier mais verba.

Os R\$ 2,26 milhões foram liberados pelo Senado Federal, após reunião com diretores do Incor-DF, no fim da noite de sexta-feira. O orçamento do Senado prevê R\$ 8,2 milhões para o Incor-DF em 2007. "Essa é a primeira parcela do ano. O restante não tem previsão para sair por causa de um contingenciamento (corte de verba) do Executivo (governo federal)", explica o diretor-executivo do Incor-DF, Paulo Montenegro.

A crise no hospital é resultado da soma da decisão do governo paulista de impedir novo repasse da Fundação Zerbini, de São Paulo, para a unidade do DF, a partir de 1º de março, e da falta de investimentos previstos — da Câmara dos Deputados e do Senado. Enquanto a Câmara não renovou o convênio com o hospital, o Senado atrasou a liberação da verba prometida para este ano. A unidade de Brasília foi entregue à própria sorte.

Como reflexo imediato da crise, desde quarta-feira (27 de março), o Incor-DF não recebe novos pacientes nem faz cirurgias eletivas (sem urgência) já marcadas. Ao todo, 120 pacientes esperam na fila de cirurgia, entre eles 60 crianças. Outros 200 aguardam a realização de cateterismo e an-

gioplastia. Por enquanto, o instituto atende emergências e trata os pacientes ainda internados.

O Incor-DF precisa arrumar novas fontes de renda para garantir o funcionamento. Até o fim da noite de ontem, Paulo Montenegro tentava uma reunião para hoje com algum representante do Ministério da Saúde. A intenção dele é assinar um convênio com o governo federal para o Incor-DF receber mais pacientes e repasses do Sistema Único de Saúde (SUS). "Vamos sugerir que a unidade passe a atender patologias das regiões Norte e Centro-Oeste, e vire um centro de referência do Ministério da Saúde", contou Montenegro.

Altos salários

Inaugurado em 2004, o Incor-DF recebeu cerca de R\$ 32 milhões da Fundação Zerbini nos últimos dois anos. O presidente da entidade e também superintendente do Incor-DF, David Uip, admite que a unidade brasiliense tem excesso de funcionários, 522. Para adequar o hospital à realidade, segundo ele, é preciso demitir 20%. O Incor-DF fatura R\$ 1,5 milhão por mês, em média. Os gastos com manutenção, no entanto, ultrapassam esse valor. Nos três anos de funcionamento, a filial candanga acumulou uma dívida de R\$ 30 milhões.

As demissões, a princípio, seguem um critério adotado semana passada. Os primeiros da lista são os funcionários da área administrativa que ganham mais de R\$ 10 mil. Até sexta-feira, quatro haviam sido mandados embora. Todos ocupavam cargos na diretoria. Com isso, ficaram dois dos seis diretores da unidade.

Mas Montenegro adianta que funcionários de outras áreas, como o pessoal da limpeza, não estão imunes ao risco de perder o emprego. "Dos 59 médicos do corpo clínico, alguns ganham mais de R\$ 10 mil. Mas não posso demitir metade e continuar com o mesmo número de enfermeiros, recepcionistas e vigilantes, por exemplo", pondera.

O número de funcionários a ser demitido só será definido quando a instituição tiver uma previsão de verba para 2007. "Só assim saberemos quantos leitos poderemos utilizar e quantos funcionários precisaremos", explica o diretor-executivo. Em 2006, a instituição fez 547 cirurgias, 149 implantes de marcapasso e 12,5 mil consultas ambulatoriais. Realizou ainda todas as cirurgias cardíacas de alta complexidade em recém-nascidos e 80% de todas as operações em crianças no DF.

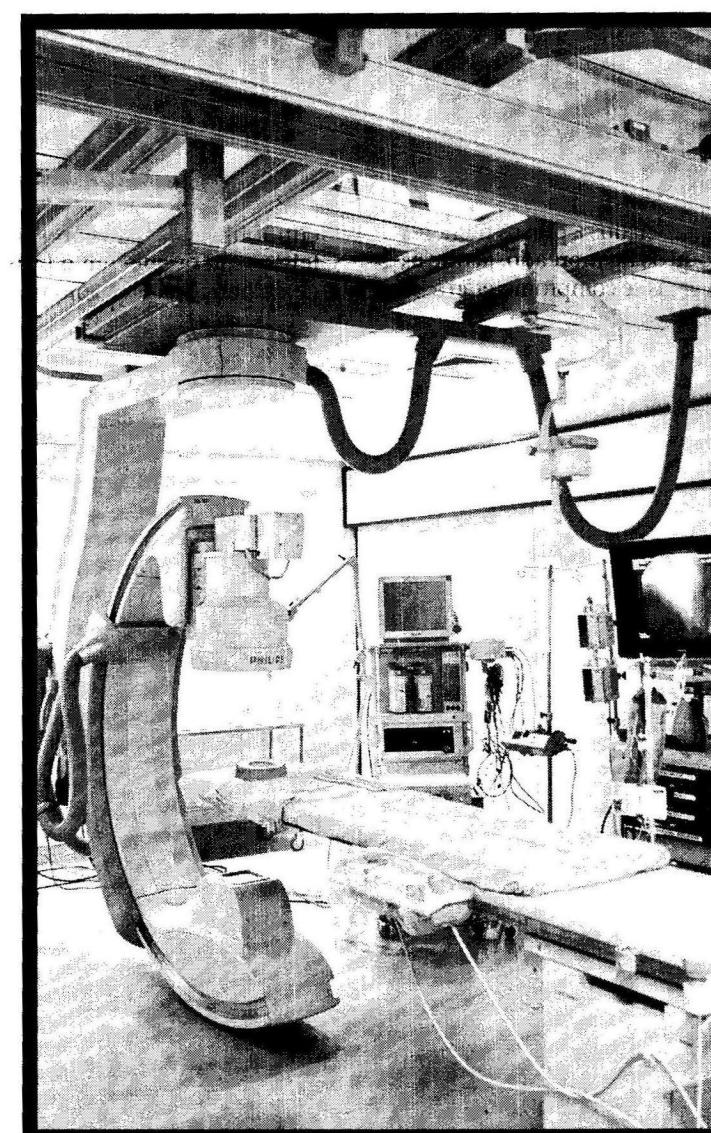
REMÉDIOS

As denúncias sobre falta de remédios nos hospitais regionais do DF foram contestadas ontem pelo secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, durante visita da presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa, deputada Érika Kokay (PT), à Farmácia Central da secretaria. "A rede está abastecida. Os remédios que possam estar faltando têm substitutos disponíveis", diz. De acordo com a deputada, ficou comprovada a existência de estoque de medicamentos, mas é preciso verificar nos hospitais e postos de saúde se eles estão chegando às mãos da população.

Fotos: Carlos Vieira/CB



AVANY ARARIPE, 79 ANOS, TEM MEDO DO HOSPITAL FECHAR: "NÃO PODEM DEIXAR ISSO AQUI ACABAR. SÓ NÃO DEFENDE O INCOR QUEM NUNCA ESTEVE AQUI"



SALA DO INCOR EQUIPADA PARA COLOCACÃO DE MARCAPASSOS E ANGIOPLASTIA

Desperdício milionário

Os 100 leitos do Incor-DF nunca foram ocupados ao mesmo tempo por falta de verba. Há dois anos, a média era de 50 pacientes. Com isso, equipamentos importados de última geração foram subutilizados. Desperdícios do dinheiro público foram flagrados pelo Correio ontem. Não havia pacientes em nenhuma das três salas onde são feitas cirurgias para colocação de marcapasso e angioplastia. Segundo funcionários, cada uma tem capacidade para 10 pacientes por dia. No último mês, eram feitas cinco operações diariamente, em média. Mas foram suspensas. Cada sala custou R\$ 4 milhões.

Outro exemplo do estado de penumbra do Incor-DF era a emergência. A ampla e confortável sala, que mais lembra um hotel — como todo o hospital —, tem 10 leitos. Apenas um estava ocupado. A paciente, internada às pressas com falta de ar, fez questão de dar entrevista para sair em defesa da unidade. "Não podem deixar isso aqui acabar. Só não defende o Incor quem nunca esteve aqui, precisou dele", ressaltou a apo-

sentada Avany Araripe, 79 anos. Ela voltou ao hospital uma semana após ser operada. Como quase 100% dos pacientes, não pagou nada pela cirurgia nem pela internação de ontem. "Vale destacar que, apesar da crise, os funcionários continuam atendendo com a mesma eficiência e simpatia", completou a filha de Avany, Inês, 53 anos.

O promotor de Defesa dos Usuários de Serviços de Saúde do DF, Diaulas Ribeiro, não admite o fechamento do Incor. "As autoridades que têm coração não podem deixar isso acontecer, nem a sociedade. Os R\$ 150 milhões gastos na obra saíram do bolso dos contribuintes. Temos que pensar nisso e em quantas vidas esse hospital pode salvar", observa. O dinheiro para a construção da unidade veio de uma parceria entre Câmara dos Deputados, Senado, Ministério da Defesa e Incor, assinada em 2000. Os recursos foram investidos para construir o prédio, comprar equipamentos e medicamentos. Parte da área do Hospital das Forças Armadas foi cedida ao instituto. (RA)